

“Central do Brasil”: vicissitudes da subjetivação

Mario Pablo Fuks

Realizou-se no dia 23 de junho uma mesa redonda para discutir o filme Central do Brasil, de Walter Salles Jr., com a participação de Olgária Matos e Miriam Chnaiderman, coordenada por Mario Fuks. O evento foi o primeiro de um ciclo de debates organizado pelo Curso de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea do Departamento de Psicanálise, e destinado a debater os problemas referidos à subjetividade de nosso tempo, a partir de seus reflexos nas criações artísticas, nas manifestações culturais, nas “psicopatologias” atuais da vida quotidiana e nas demandas da clínica. Percurso publica a introdução feita pelo coordenador da mesa, e os textos apresentados nesta ocasião.

No contexto do curso que organizou o debate, iniciamos uma série de estudos destinados a compreender melhor certos tipos de sofrimentos psíquicos novos, cuja novidade consiste na massividade com que se fazem presentes hoje em dia na clínica, e que adquirem também ressonância pública através dos meios de comunicação. Sua caracterização

tem-se constituído num problema dentro do campo dos cuidados da saúde mental, mas tende a desbordá-lo, transformando-se num problema para a sociedade em seu conjunto.

A psiquiatria oficial procura agrupar tais sofrimentos em síndromes, sintomas e quadros clínicos caracterizados como desvios em relação a uma normalidade que não se põe em questão. Outros pensadores, outras disciplinas, põem em questão esta normalidade considerando que está sendo produzida por uma época histórica, paralelamente a suas formas patológicas. Estas novas enfermidades da alma começam a ser discernidas em sua significação na medida em que podem ser referenciadas aos malestares da contemporaneidade.

A fenomenologia da vida cotidiana nas grandes cidades, as formas de habitá-las, de circular por elas ou de recluír-se nos espaços domésticos, de relacionar-se ou de não relacionar-se com os outros, de trabalhar ou de não trabalhar, de morrer ou de sobreviver, são pontos

Mario Pablo Fuks é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise, professor do Curso de Psicanálise e professor-coordenador do Curso de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea, todos no Instituto Sedes Sapientiae.

de partida privilegiados pela maior parte dos estudos que procuram estabelecer correlações entre macro-estruturas (econômicas, sociais, políticas), configurações institucionais, formas de subjetivação e padecimentos psíquicos.

Que tipo de subjetividade é possível conceber quando se parte de cenários, como a estação de trem que dá nome ao filme, mas que poderiam ser aeroportos, centros comerciais, praças públicas ou até uma rua qualquer? Lugares que já foram espaços de sociabilidade, mas nos quais as pessoas ficam reduzidas à condição de transeuntes que mal se olham, se falam ou se escutam: ali “começa-se com uma diluição dos sistemas de reconhecimento do outro e acaba-se com uma perda de reconhecimento de nosso próprio eu”.¹

A presença nestes lugares de um número crescente de marginalizados e excluídos de diversos tipos, com uma visibilidade manifesta que não se conheceu em outros tempos, transforma-os em postos de fronteira social em que a tensão se aproxima freqüentemente do limite de estouro da violência.

Falando dessas questões no encontro comemorativo dos “20 anos do Sedes”, Marilena Chaui situava o problema com bastante clareza: “As novas tecnologias (referindo-se à produção industrial e micro-empresarial) convidam ao isolamento porque inutilizam a rua como espaço coletivo comum. Não precisam de qualquer espaço público, muito pelo contrário, tendem a descartá-los. Eu me preocupo com isto porque, no nosso presente, a forma de subjetividade que está sendo plasmada é menos a de uma subjetividade (intercorporeidade, intersubjetividade, relação simbólica com o ausente, transcendência do fato ao sentido) e muito mais a de uma *intimidade*. E essa intimidade não é qualquer. Modelada pela *mass-mídia* e a publicidade, é uma intimidade narcísica. Por conseguinte, ela está fadada à incapacidade de simbolizar,

de transcender as condições dadas, de relacionar-se com o possível e de realizar o trabalho da frustração e da ausência. É uma intimidade infantilizada à qual se promete a satisfação imediata de todos os desejos que a *mass-mídia* inventou para fins de consumo.”²

O homem moderno é definido, mais uma vez, como um narcisista, talvez dolorido, mas sem remorsos. A dor se “agarra” ao seu corpo, se somatiza. “Se não está deprimido, se exalta com objetos menores e desvalorizados num prazer perverso que não conhece satisfação.”³ Kristeva

Para Julia Kristeva, o homem moderno é um Narciso, talvez dolorido, mas sem remorsos. A dor se “agarra” ao seu corpo, se somatiza.

Sobre este *sujeito do consumo*, isolado ao mesmo tempo massificado, é que toma corpo a ideologia neo-individualista da competição absoluta, violenta, manipuladora e cínica, adicta às relações de aproveitamento, pronta para substituir a relação com a pessoa pela relação com aparelhos e coisas.

Atenta a outras coordenadas que nos aproximam dos objetivos colocados pelo projeto do curso, mas em estreita relação com o anterior, Julia Kristeva sustenta, em *As novas doenças da alma*, que a experiência cotidiana demonstra uma redução impressionante da vida interior, e pergunta-nos se temos hoje o tempo e o espaço necessários para arrumar-nos uma *alma*, ou se “pressionados pelo *stress*, impacientes por ganhar e gastar, por gozar e morrer, os homens e mulheres de hoje prescindem dessa representação de sua experiência que chamamos de vida psíquica”.

falará, ainda, da falta de identidade sexual, subjetiva e moral, do recurso aos suportes químicos, das diversas compensações narcísicas e das formas de adoecer que aparecem quando estas falham.

Paramos aqui este desenvolvimento, que nos pareceu interessante discutir a partir do filme. Em primeiro lugar, porque já traçamos uma ponte de sentido entre as inquietações do Curso em torno da psicopatologia, da clínica contemporânea e do leque de interrogações que nos remete aos conceitos de modernidade ou pós-modernidade e a questão da exacerbação paroxística dos traços de uma época ou de uma verdadeira mudança de época.

Por outra parte, parece-nos possível reconhecer o protótipo no qual se encaixa um dos personagens do filme, Dora, não só pela vida isolada e mesquinha, pelo vazio existencial e pela solidão relacional, mas

também pela peculiaridade de que os “objetos menores e desvalorizados” que se compraz perversamente em condenar - agindo como um deus todo-poderoso que se arroga o direito de julgar e estabelecer o destino das almas que chegam até sua presença - são precisamente as cartas que escreveu. Trata-se de uma apropriação parasitária e destrutiva dos frutos subjetivantes de revivescências interiores, de processos de simbolização do ausente, de inauguração ou cancelamento de compromissos vinculares, de formulação de desejos amorosos ou hostis, de relatos de experiências, de retomada de projetos, de recuperação e reatamento de histórias. Frutos de processos que ela mesma contribuiu para desencadear.

Serão concebíveis potencialidades ou possibilidades múltiplas de emergências e desenvolvimentos de processos subjetivantes? Que situações, ou que ordenamento particular dos elementos de uma situação, na sua configuração cênica, ou que “dispositivos” (tomando um conceito da análise institucional) os dispararam e sustentam? Que incidências os inibem ou bloqueiam?

Indo para o contexto da filmagem, conforme o relato do próprio diretor, a instalação da mesa provocou uma aproximação espontânea de pessoas dispostas a “ditar suas cartas” que interrompeu o fluxo de falas preparadas. O “desvio” acabou produzindo seqüências de uma vivacidade tal, que explica a voltagem emocional do impacto produzido nos espectadores.

O outro personagem, o *alter* do filme com quem Dora contracenava, é um ser exposto aos perigos decorrentes de uma condição social “objetiva” de máximo desvalimento e desamparo, mas *animado*, nesse sentido de alma que estamos recuperando, por um desejo fundamental que orienta sua existência: encontrar o pai, ser reconhecido por ele e desfrutar dos valores dignificantes conferidos por uma família, um sexo e um ofício pleno, para o menino, de significação social. Este desejo e este ideal - que podemos chamar de *utópico* no sentido conceitualmente mais rico e mais denso que lhe conferimos hoje em dia - vai ser o que produz “enganche” no indestruído (e por definição indestrutível) do desejo inconsciente de Dora.

da existência dela, essas são as forças que impulsionam e sustentam, na proposta de diretor, a viagem em busca da recuperação (nostálgica e portanto ilusória?), da conquista (precária?) ou da invenção (incerta?) de uma humanidade possível.⁴

Os cenários insólitos, geográficos e sociais, que essa viagem vai percorrendo suscitam uma multiplicidade de associações e interpretações. A temporalidade encontra-se, aqui, em jogo. Em quase todas elas, em nossa opinião na perspectiva de um suporte evocativo, de forte sensorialidade sem dúvida, mas destinado a uma espécie de rememoração paradoxal de um não vivido, que possibilita a elaboração pela historização de algo vivido, que ao ser significativo para outro se re-significa para si, desfazendo os recalques ou recusas que o deixavam esquecido ou anulado. Aspecto forte e convincente do processamento subjetivo de Dora que faz assemelhar-se ao processo de análise.

Na perspectiva de uma proposta mais abrangente para um contexto mais amplo, o filme (e o debate) acaba estimulando-nos menos a uma volta para um Brasil arcaico, que a um trabalho da história, com evocações ou sem elas, que permita uma “volta” ao Brasil atual.

A rememoração, historicizando-se,
possibilita a elaboração de algo vivido,
significativo para o outro, que se ressignifica
para o sujeito.

A mesinha da “Escriba” no meio da estação, interrompe a circulação, produz um corte, induz um desvio, uma fala, um pensar reflexivo, cria um espaço e um tempo diferentes.

Atravessando o combate de vida e de morte que marca o encontro e o começo do vínculo entre ambos e que produz parada e, finalmente, corte no fluir alienado e monótono

NOTAS

1. E. Galende, *De un horizonte incierto*, Buenos Aires, Paidós, 1997.
2. M. Chauí, “Subjetividades Contemporâneas: Comentários”, *Revista Subjetividades Contemporâneas* No.1, S. Paulo, Instituto Sedes Sapientiae, 1997.
3. J. Kristeva, *Las nuevas enfermedades del alma*, Madrid, Ediciones Cátedra, 1993.
4. Desta forma um tanto condensada, tentamos enunciar algumas das inúmeras interrogações suscitadas, durante o debate, pelas comunicações de Miriam Chnaiderman e de Olgária Matos, também publicadas neste número de *Percursos*.